

**LEITURAS E (RE)ESCRITAS DA VIAGEM
(JOAQUIM MAGALHÃES DE CASTRO, MARIA FILOMENA
MÓNICA E MIGUEL PORTAS)
TRAVEL READING AND (RE)WRITING
(JOAQUIM MAGALHÃES DE CASTRO, MARIA FILOMENA
MÓNICA AND MIGUEL PORTAS)**

Maria Teresa Nascimento^{1}*

RESUMO

A publicação de relatos de literatura de viagem tem atingido números significativos nos últimos anos na literatura portuguesa. Associados muitas vezes a projectos mediáticos (documentários, colaboração escrita com periódicos...) ou à condição mediática dos próprios autores, com consequências diversas ao nível do registo e da qualidade de escrita, em quase todos os textos ocorre como nota dominante a da viagem, empreendida por um sujeito raramente desinformado relativamente ao destino a visitar. Interessar-nos-á descortinar o modo como as narrativas que nos propomos estudar se relacionam com outros textos que convocam. Referimo-nos, em primeiro lugar, à existência prévia de relatos sobre determinados destinos que se retomam através da reescrita de uma nova viagem. Sirva-nos de exemplo o livro de Joaquim Magalhães de Castro, *Viagem ao Tecto do Mundo – o Tibete Perdido* e o seu cruzamento com o testemunho dos primeiros viajantes jesuítas. Anotamos ainda uma forma de viajar determinada pelo gosto pela literatura e pelo reencontro com os espaços e vivências dos seus autores. Seleccionamos, então, “A Inglaterra Literária” em *Passaporte* de Maria Filomena Mónica, com a “visita” a Charles Dickens, a Robert Stevenson, Emily Brontë ou Thomas Hardy, a que se junta o sublime encontro com as livrarias de Hay-on-Wye. É com *Périplo*, escrito por Miguel Portas e com fotografias de Camilo Azevedo, que terminamos, tentando compreender de que modo a afirmação do autor: “Ler em viagem sobre os lugares da própria viagem é uma experiência que recomendo vivamente” (PORTAS, M., AZEVEDO, C., 2009: 27) se concretiza na obra.

Palavras-chave: viagem; (re)escrita; leitura; intertextualidade; experiência.

ABSTRACT

The publication of travel literature reports has reached significant numbers in recent years in the Portuguese literature. Often associated with media projects (documentaries, written collaboration with journals...) or the media condition of the authors themselves, with different consequences in terms of recording and writing quality, in almost all texts the dominant note is that of travel, undertaken by a subject rarely uninformed about the destination to visit. We will be interested to unveil the way the narratives we propose to study relate to other texts they call. First of all, we refer to the existence of reports of certain destinations which are resumed by rewriting a new trip. Let us take as an example Joaquim Magalhães de Castro's book, *Viagem ao Tecto do Mundo – o Tibete Perdido*, and its intersection with the testimony of the first Jesuit travelers. We also noted a way of traveling determined by the taste for literature and the reunion with the spaces and experiences of its authors. We then selected “Inglaterra Literária” in Maria Filomena Monica's *Passaporte*, with the “visit” to Charles Dickens, Robert Stevenson, Emily Brontë or Thomas Hardy, to which is added the sublime encounter with Hayon-Wye It is with *Périplo*, written by Miguel Portas and photographs by Camilo Azevedo, that we end up trying to understand how the author's statement: “Ler em viagem sobre os lugares da própria viagem é uma experiência que recomendo vivamente” (PORTAS, M., AZEVEDO, C., 2009: 27) is materialized in the work.

Keywords: travel; (re)writing; reading; intertextuality; experience.

1 * Doutora em Letras (2006) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Ensaísta com títulos sobre a obra de escritores(as) portugueses(as), dentre eles(as), Agustina Bessa-Luís. Atualmente, é Professora Auxiliar da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira (Portugal).



Reflectir hoje sobre a literatura de viagem, pelo menos em Portugal, passa por estabelecer uma conexão entre os seus autores e os desígnios de natureza mediática subjacentes à escrita. Este tipo de literatura continua a estimular o leitor, a julgar pela frequência com que os novos títulos se sucedem no mercado editorial, ou pelo investimento realizado por grupos de comunicação social, que trazem às páginas dos semanários, de modo regular, relatos de destinos mais ou menos exóticos. Não raro, assiste-se ainda à emergência de propostas igualmente sedutoras, como sejam as que decorrem do documentário filmico que pode vir a acompanhar o livro, ao mesmo tempo que foi ou poderá vir a converter-se em objecto de emissões televisivas.

Uma outra constatação é de que a viagem enquanto relato de uma experiência efectivamente realizada não tem suscitado, na actualidade, o interesse de autores consagrados da Literatura Portuguesa. Ocorrem-nos algumas excepções que não esgotamos: Agustina Bessa-Luís, José Saramago ou mais recentemente José Luís Peixoto e Almeida Faria. Quanto aos outros, o futuro ditará ou não a sua efemeridade.

Joaquim Magalhães de Castro, Maria Filomena Mónica e Miguel Portas são os autores que nos propomos analisar, interessando-nos descortinar o modo como as narrativas que nos propomos estudar se relacionam com outros textos que convocam.

Referimo-nos, em primeiro lugar, à existência prévia de relatos sobre determinados destinos que se retomam através da escrita de cada uma destas novas viagens. Sirva-nos de exemplo o livro de Joaquim Magalhães de Castro, *Viagem ao Tecto do Mundo – o Tibete Perdido* e o seu cruzamento com o testemunho dos primeiros viajantes jesuítas.

Anotamos ainda uma forma de viajar suscitada pelo gosto pela Literatura e pelo reencontro com os espaços e vivências dos seus autores. Seleccionamos, então, “A Inglaterra Literária” em *Passaporte* de Maria Filomena Mónica, com a “visita” a Charles Dickens, a Robert Stevenson, Emily Brontë ou Thomas Hardy, a que se junta o sublime encontro com as livrarias de Hay-on-Wye.

É com *Périplo*, escrito por Miguel Portas e com fotografias de Camilo Azevedo, que terminamos, tentando compreender de que modo se concretiza na obra a afirmação de que: “Ler em viagem sobre os lugares da própria viagem é uma experiência que recomendo vivamente. Os bons livros no sítio certo, adquirem as cores, os cheiros e os encantos desses lugares.” (PORTAS, M., AZEVEDO, C., 2009, p. 27). Não o sentira já Garrett que aqui lembramos? - “Se eu for algum dia a Roma, hei - de entrar na cidade eterna com o meu Tito Lívio e o meu Tácito nas algibeiras do meu paletó de viagem.” (GARRETT, 1974, p. 181).

Com efeito, mesmo quando não referida de modo declarado pelos seus autores, é certo que também a literatura de viagem não está isenta do cruzamento com outros textos, o que, de um modo muito simples, a asserção de Adrien Pasquali bem poderá ilustrar: “Nenhum viajante (...) viaja sem ler, antes, durante, ou após o seu périplo.” (PASQUALI, ADRIEN, 2009, p 32). Ou a de Pierre Brunel (BRUNEL, PIERRE, 1986, p. 8) falando da arqueologia livresca, para justificar o conjunto de saberes prévios convocados.

Viagem ao Tecto do Mundo é, assumidamente, desde o Prefácio, uma viagem que segue as pegadas dos primeiros Portugueses no Tibete: a do Padre António de Andrade que, desta forma, dava seguimento à estratégia de penetração para Oriente, já iniciada por Bento de Góis umas décadas antes, rumo ao mítico reino do Cataio; as de Francisco de Azevedo, João Cabral e Estêvão Cacela, entre outros pioneiros europeus nos Himalaias. “Inspirado nos passos e relatos destes homens” (MAGALHÃES, 2010, p. 13), pano de fundo que emerge de quando em vez, o livro encontra um modo de organização polarizado em torno de cidades ou regiões do Tibete que emprestam o nome à segmentação maior da narrativa, repartida ao correr dos dias entre 5 de Setembro e 22 de Outubro, correspondentes à deslocação do sujeito viajante, contada na sequência de uma viagem essencialmente realizada em 1992. A de 1994 colmataria a ausência de registo fotográfico anterior.

Serão os relatos dos Jesuítas, referidos a partir da afirmação prefacial, determinantes para a construção da narrativa de Joaquim Magalhães de Castro? Que relação se estabelece entre estes textos aos quais separam quatro séculos de distância?

Viagem ao Tecto do Mundo faz-se acompanhar da indicação das fontes consultadas, todas elas referentes aos relatos dos Jesuítas. Muito embora o nome de Bento de Góis incorpore este elenco, a leitura do texto comprovará a atenção quase exclusiva sobre os quatro jesuítas que chegaram ao Tibete. Mesmo que o Cataio pudesse ser uma demanda comum, os caminhos percorridos por uns e outros produziram resultados diferentes. O Gram Cataio de Bento de Góis não se identificava com o da primeira Carta de António de Andrade. O Tibete a que este último chegou, difundido sob as roupagens desse mítico Cataio, justificaria a fortuna destes relatos que, traduzidos em grande cópia, alimentariam o imaginário europeu da época. Deste Tibete, a provável Terra Prometida de Isaías, falarão as Cartas dos Jesuítas, trazidas até ao relato de Magalhães de Castro, através dum sujeito a quem já não confundem manifestações do budismo com expectativas de cristianização, num texto marcado pela imanência do instante, ao qual falta o idealismo do porvir. As motivações deste narrador não se nos afiguram, aliás, irmanar-se com as que estimulam os desígnios místicos de outros viajantes que demandam o Tibete. O seu olhar, mesmo no Kailash, é, por isso, mais sensível à transcendência da paisagem do que à espiritualidade dos ritos budistas, ainda que os reproduza:

Os peregrinos efectuam repetidas prostrações nestes locais, primeiro, tocando a testa, a boca e o coração com as mãos juntas, numa sucessão de movimentos bastante rápidos, para depois se estenderem por terra com a cara colada ao chão e os braços estendidos à frente da cabeça num acto de devoção completa. Peças de roupa, farrapos, chapéus, sapatos, madeixas de cabelo, meias, bandeiras oratórias, chifres de cabra e placas de xisto gravadas eram alguns dos objectos ali deixados por peregrinos para assim conseguirem sorte na vida. Também ali depusitei uma madeixa de cabelo, debaixo de uma laje (MAGALHÃES, 2010, p. 131).

A viagem, embora cumprindo as habituais etapas dos peregrinos, tem obstáculos acrescidos pelo facto da não integração nos previsíveis circuitos turísticos que poderiam dirimir muitas das dificuldades sentidas. O relato, em contrapartida, teria sido outro, estamos em crer, mais arredado da vivência diária, quer com habitantes locais, a quem se estranham costumes,

quer com os próprios devotos vindos de longe.

Escritas entre 1624 e 1631, surgem disseminadamente evocadas, em *Viagem ao Tecto do Mundo*, por meio de alusões ou de fragmentos resumidos ou transcritos, sem referência precisa, seis cartas de Jesuítas (três de António de Andrade e as restantes dos que lhe sucederam na missão: Francisco de Azevedo, João Cabral e Estêvão Cacela). O leitor porfiado terá assim, se o quiser, de percorrer a totalidade dessas cartas na resolução da inexactidão ou da incompletude de algumas das referências de Joaquim Magalhães de Castro.

Indagando as razões que motivam a inserção do texto primeiro no texto segundo, raramente se descortinará uma necessidade determinante, excepto a que pode decorrer da deliberada vinculação a um percurso realizado séculos antes. É verdade que os textos jesuíticos podem ajudar à percepção de uma realidade actual que às vezes se contextualiza no passado; que repetir um percurso, praticamente quatro séculos depois, é susceptível de se enriquecer com comparações ou demanda de vestígios, como os que se buscam em vão em Tsaparang, quase a finalizar o relato, expressiva e preferentemente marcado pela convergência das diversas fontes cuja convocação se faz de forma mais penetrante e demorada. Fora aqui, afinal, que tinham chegado pela primeira vez os portugueses ao Tibete, depois de árduo percurso. É a essa Tsaparang que chega igualmente Joaquim Magalhães de Castro, depois das condicionantes de uma longa viagem que os séculos não conseguiram amenizar ainda.

Bem menos estimulantes serão, talvez, como percurso, as viagens de “Inglaterra Literária”² de Maria Filomena Mónica. Confessa-se, no prefácio autoral, inimizada declarada ao turismo de massas, e que o maior prazer experimentado numa viagem é o da pesquisa bibliográfica que, para o efeito, se efectua. Os livros convertem-se, assim, no que ao conjunto de textos da “Inglaterra Literária” diz respeito, na verdadeira essência da viagem direccionada para os espaços das vivências dos seus autores – ambientes e casas circundantes. Sobre estas, esperar-se-ia, talvez, uma explanação mais demorada, mas a narradora prefere sugerir a descrever. Em Dickens House é a pequenez da moradia do Séc. XVIII a merecer registo, por entre a enunciação simples de objectos, como a caneta com que escreveu o mais célebre dos seus moradores, a cadeira onde se sentou, ou a janela por onde olhou. Livros, manuscritos, cartas, ou a secretária portátil de Dickens enriquecem ainda o espólio que o visitante contemplará.

Igual pequenez, metaforizada na casa de bonecas, é a que nos é transmitida, aquando da visita à casa de Thomas Hardy, na região de Essex, à qual o leitor é guiado, seguindo a rota indicada pela cronista a partir de Londres.

Com Emily *Brontë*, terá o viajante, se quiser esse contacto imediato com o mundo da escritora, de repartir a sua deambulação por vários espaços, de que é exemplo a casa escura de Haworth, tornada presente pela proximidade reiterada e partilhada com o leitor através dos

² Este é o título de uma das treze partes em que se organiza *Passaporte*.

deícticos demonstrativos:

Durante os longos serões de Inverno, as irmãs escreviam naquela sala de jantar, à luz daquele candeeiro a petróleo, sobre aquela mesa de mogno, que eu tinha diante de mim. Era ali que, depois das refeições, liam, umas às outras, o produto do dia. Foi ali, naquele canapé forrado a veludo, que, a 19 de Dezembro de 1847, Emily morreu, de tuberculose (MÓNICA, 2009, p. 155).

A casa de Louis Stevenson, actualmente propriedade privada, no número 17 de Heriot Row, em Edimburgo, constitui nota de diferença relativamente ao acesso franqueado nas visitas que anteriormente mencionámos às casas de escritores. Se contarmos com esta excepção, no restante, a redacção desta crónica não se diferenciara das demais.

Aquilo que define a verdadeira essência deste conjunto de crónicas, mais do que o facto de a obra de determinados autores poder constituir-se como pretexto para a visita às suas casas, é a possibilidade de, conduzidos pela mão de Maria Filomena Mónica, partilharmos ambientes e mundividências que estiveram na origem da criação literária, como no caso especial das irmãs *Brontë*. A crónica faz-se biografia, e centrando-se na selecção pessoal de um ou mais livros a propósito dos quais tece reflexões críticas, narra-lhe rapidamente os enredos. A crónica cruza-se com a crítica literária, e o que já era relato de viagem a Londres, Haworth, Wessex ou Edimburgo, é também agora o sugerido pelo universo ficcional de cada uma das obras. Na maior parte da crónica, o leitor sentirá que ela já abandonou o factual da representação da viagem e, guiado na forma de lidar com o objecto-livro, estará ele próprio a ser conduzido para essa outra experiência de viagem através da leitura.

Hay-on-Wye talvez represente o culminar da “Inglaterra Literária” neste conjunto de cinco crónicas escritas entre 1998 e 2008. Hay-on-Wye transformou-se, a partir de 1970, e depois de o promotor da ideia, com um “truque publicitário” (MÓNICA, 2009, p. 165), ter declarado a independência do lugar e hasteado simbolicamente a bandeira no seu castelo, num espaço onde apenas o comércio de livros tem razão de ser. A paisagem e os trinta alfarrabistas da pequena localidade do País de Gales simbolizam, nas palavras da narradora, mais do que a “Ilha do Tesouro”, e transformam cada visita numa viagem estimulante, onde se pode encontrar a preços módicos o inesperado. Viajantes “excêntricos”, seguramente, serão estes que, a cada dia de permanência em Hay-on-Wye, prepararão de véspera a viagem do dia seguinte, compondo a lista da compra de livros a efectuar num cenário que, a acreditar nas palavras da cronista, a Amazon ainda não conseguiu destronar.

E uma vez mais, como nas outras crónicas, a narradora faz-se cúmplice de quem a lê, não apenas quando de forma mais ou menos subtil, sugere determinados itinerários, mas também quando partilha estados emocionais, como o do prazer que antecede a compra, o estado frenético que a invade a cada ida a esta povoação: “Se, na primeira noite, se sentir tão frenético quanto eu, lembre-se que o sol se levanta todas as manhãs e que os livros não hão-de fugir de Hay-on-

Wye.” (MÓNICA, 2009, p. 167). A escrita de Maria Filomena Mónica parece assim, dirigir-se, não apenas a quem gosta de viajar, mas igualmente àqueles para quem estas crónicas possam estimular outras leituras.

Destinatário natural dos três livros que aqui analisamos, nem sempre o leitor suscitará neles explícita interpelação. Dele não nos apercebemos em *Viagem ao Tecto do Mundo*. Em *Périplo*, expressamente o encontraremos assumindo a configuração de um turista qualquer que procure o Egipto e a quem a narrativa guiará, numa primeira fase, em roteiros programados ou logo depois por percursos mais arredados dos do viajante comum. De forma mais directa e intimista se apelará à participação do leitor, potencial viajante, tornado cúmplice numa deambulação pessoal e literária que remontará a um passado remoto, no encaço das várias etapas do mito da Atlântida. A este destinatário, a quem familiarmente se trata por você, se sugere a localização do mito na Região de Tartessos, hipótese sustentada na teoria do arqueólogo António Garcia Bellido: “Mas porque consigo tenho praticado o jogo da verdade, humildemente lhe digo que outros, de maior saber e melhor argumento me conduziram a esta simpática especulação.” (PORTAS. e AZEVEDO, 2009, p. 320).

Eis, então, esta uma das possibilidades da relação de *Périplo* com a leitura, a permitir orientar e enquadrar um itinerário pelo Mediterrâneo, nos caminhos da História e do mito.

Comecemos pelo princípio, pelo Prefácio, em que a voz autoral apresenta o livro “em três andamentos” (PORTAS e AZEVEDO, 2009, p 25). Constituem-no as fotografias e as filmagens de Camilo Azevedo que deram origem ao documentário transmitido na RTP. Só depois, o livro. Também o suporte mediático, numa relação temporal inversa, primeiro se aliava à concepção de *Viagem ao Tecto do Mundo*.

O Prefácio de *Périplo* constitui um fecundo texto programático, a começar pela definição que da obra procura fazer. Atentemos nele:

“*Périplo* conta histórias, mas não é um livro de história; detém-se em paisagens, gentes e sonhos deste tempo, mas não é uma reportagem; visita ruínas e obras de arte, mas distancia-se do registo ensaístico. Na verdade, mistura estas distintas linguagens. Talvez se deva colocar na prateleira dos livros de viagens, talvez. Mas nem é um guia turístico, nem a escrita é a da introspecção do narrador em face das grandezas e misérias deste mundo. *Périplo* é um livro de viagens porque viaja. Por vezes, começa onde o documentário termina; noutros casos, conclui-se onde as imagens se iniciam. Pode ser lido do princípio para o fim, mas o leitor pode escolher o seu próprio itinerário. Não se perderá se o fizer do meio para cada um dos lados ou às “arrecuas”, do fim para o princípio. No fundo, *Périplo* é um livro em forma de mosaico porque o próprio Mediterrâneo é um mosaico (PORTAS. e AZEVEDO, 2009, p. 25-26).

Estamos de acordo com esta arrumação na prateleira da literatura de viagem, para usarmos as palavras do autor. E, afinal, a imagem do mosaico não poderia coadunar-se melhor com o hibridismo, marca consubstancial ao género. *Périplo* é, por isso, também a aventura

estimulante pela decifração da pluralidade discursiva em que se entretecem processos narrativos e descritivos, permeáveis a comentários onde perpassa a visão social e política do autor cidadão – Miguel Portas.

Mais à frente se dirá ainda que este livro poderá ser “um livro de viagens no Tempo” (PORTAS. e AZEVEDO, 2009, p. 29). Estamos de acordo uma vez ainda, e por isso mesmo esclarecemos que a linha cronológica deste viajante não é a da sua própria viagem no seu próprio tempo, mas aquela que se estabelece à custa do passado/ presente, neste último se decifrando vestígios de um tempo remoto do qual as ruínas ajudam a falar, devendo igualmente resistir à erosão do progresso “um adversário de fôlego bem mais temível e durável do que a passagem dos exércitos.” (PORTAS. e AZEVEDO, 2009, p. 133). Num total de oito capítulos de construção compósita, feitos de camadas justapostas de civilizações milenares, adivinhamos, muitas vezes, mais do que vemos, as movimentações do viajante, ao longo deste Mediterrâneo que perscruta nos interstícios do tempo.

Não se tratando de um ensaio, como era afirmado no Prefácio, a dependência de *Périplo* relativamente a outras leituras, ensaísticas muitas delas, é essencial para a sua construção. E não falamos apenas do colorido que a História empresta às longas contextualizações, como se sugere com aquela a se procede para a civilização mesopotâmica. “Colorido o mundo antigo, é tempo de regressar à nossa viagem.” (PORTAS. e AZEVEDO, 2009, p. 61), mas pensamos também na necessidade de interpretar o real observado, como se a todo ele se pudesse aplicar a imagem do arqueólogo moderno que “descasca” as paredes que “só para nós, visitantes cegos e surdos, parecem o que são”. *Périplo* é, em consonância com a atitude indagadora deste viajante, pontuado de notas marginais, que remetem para a bibliografia utilizada.

Era ainda no Prefácio que se aludia ao prazer da leitura “sobre os lugares da própria viagem”, sensação que poderá igualmente ser ampliada a outro tipo de textos. “A *Odisseia* não é a mesma, deleitada num sofá, ou lida junto a um pilar grego em Cirene, com o Mediterrâneo no horizonte.” (PORTAS e AZEVEDO, 2009, p. 27) – afirma-se também. E é precisamente, mais tarde, já no decurso da viagem, que o narrador, ao entrar em Alexandria, evoca a entrada do próprio Menelau através de um passo da *Odisseia* que cita (PORTAS e AZEVEDO, 2009, p. 127).

E no Egito, querendo lembrar um escritor português, a memória de Eça de Queirós seria quase inevitável. Podemos assim, antever o prazer que suscitará a este viajante a leitura de algumas páginas de *Notas do Egito*, a propósito das deambulações pelos *felás* ou da chegada de Eça de Queirós, a Alexandria, com o seu amigo, conde de Resende, mesmo sabendo que a Alexandria pela qual aquele suspira nunca existiu como tal. Poderíamos prosseguir ainda durante algum tempo mais neste filão da intertextualidade de *Périplo* com outros textos literários, mas avançamos já para o último, porque o tempo não nos permite alongarmo-nos mais.

No Café Hafraj, quase terminado o *Périplo*, o viajante entrega-se à leitura de *Cannibales*,

o romance de Mahi Binebine: “Leio-o de um fôlego e estou perto do momento da conclusão. Há uma hora ou duas vesti a pele do protagonista principal” (PORTAS e AZEVEDO, 2009, p. 329). Que melhor lugar para a leitura deste romance? Dali, a partir de Tânger, com a sua personagem Pafadnam, pode avistar Cádiz, destino desejado de todos os que arriscam a viagem clandestina. Do lado de lá do estreito de Gibraltar, na outra margem de Tânger, estará a utopia que cada um daqueles passageiros guarda em si. Seja qual for o destino daquelas personagens, já terá valido a pena. Separada pelo estreito de Gibraltar, estará a Atlântida que mora em cada um, a promessa do mar Mediterrâneo.

Desta forma, termina *Périplo* com a visão promissora de um Mar a que as camadas sucessivas do tempo não esgotaram o encanto. Quanto à promessa de outra viagem pelo mesmo Mediterrâneo, sabemos já que Miguel Portas a não poderá cumprir. Mas aqueles que lerem o *Périplo* ficarão largamente compensados pela rara sensibilidade que o viajante soube emprestar a esta viagem que não é seguramente uma entre tantas que se vão relatando.

Intertextualidade e Viagem: Algumas Conclusões

Viajar no séc. XXI dificilmente permitirá trilhar novos caminhos, no sentido espacial, físico – “Plus le monde s’est ouvert, plus s’est réduit le lieu du voyage. (MOUREAU, 1986, p. 167). Parte-se, mesmo que não seja esse o objectivo, no rasto de outras viagens e de outros viajantes. Deliberadamente, até, como o declara Joaquim Magalhães de Castro.

Deste modo, a uma arqueologia da paisagem, eventualmente figurada apenas de modo latente nas suas narrativas, o viajante contemporâneo pode juntar também toda uma arqueologia livresca, susceptível de acomodação à sua biblioteca/enciclopédia pessoal. Assim, além de pisarem as pegadas de caminantes precedentes, as narrativas de viagem podem convocar relatos anteriores (Joaquim Manuel Magalhães e Miguel Portas), textos de natureza ensaística, documental ou literária que ajudem ao esclarecimento daqueles - através de perspectivas diversificadas - ou à sua fruição (Miguel Portas) e, no caso de Maria Filomena Mónica, são os próprios livros, também por extensão metonímica, o espaço onde eles se vendem ou a casa dos seus autores, a configurar a paisagem mesma da viagem. De forma mais ou menos essencial, os livros, através da leitura que propiciam ou da reescrita que motivam, entretida com a experiência da viagem, confirmam a intertextualidade como prática recorrente neste género de literatura, como múltiplos autores já têm sublinhado. Com Montalbetti (1998: 3-16), destacamos, ao reflectir nas várias aporias experimentadas pelas narrativas de viagem face à representação do real, as práticas intertextuais como uma forma de superar essas limitações.

Não havendo já, no presente artigo, espaço para confirmar o uso diversificado dessas estratégias ater-nos-emos a lembrar e a sintetizar as diferenças genéricas do uso da intertextualidade nos três autores, privilegiadas que são, as práticas citacionais, por Joaquim Magalhães de Castro e Miguel Portas, com um rigor de referenciação neste último que muito o afastam do

primeiro. Sublinhámos em *Périple* a leitura como forma de prazer, através da biblioteca dum viajante que se mune de livros que lê no espaço que melhor relação de contiguidade estabelece com eles. Mas poderemos ainda considerar a observação de formas de intertextualidade que, ademais destas virtualidades, visem essencialmente contextualizar, acrescentar ou sustentar a experiência de uma viagem que outras já precederam (veja-se nesta última circunstância, o caso de *Viagem ao Tecto do Mundo*) embora aqui o cruzamento com outros textos não assumam idêntico rigor e regular frequência, como o que vemos acontecer em *Périple*. Anote-se ainda o caso específico da cerzadura nos interstícios das ruínas do tempo e dos objectos (MONTALBETTI, 1998, p. 13).

Argumento de autoridade, em primeira instância, a citação, convém lembrá-lo, nem sempre significa a adesão incondicional a determinado hipotexto. A título de exemplo, apenas, que outros poderíamos respigar, mencionemos Joaquim Magalhães de Castro quando à distância de séculos, o prisma do relativismo cultural o leva a afirmar como “injustas as considerações de António de Andrade” ou “quase sempre de carácter pejorativo as apreciações de Andrade” (MAGALHÃES, 2010, p. 60-61) no que diz respeito aos monges tibetanos.

Enquanto objecto de desejo na deslocação a Hay-on-Wye ou de revisitação crítica de algumas das obras de Dickens, Hardy, Brontë ou Stevenson, os livros constituem a matéria principal sobre a qual assentam as quatro crónicas de Maria Filomena Mónica. A experiência da viagem (no sentido de caminho, percurso a cumprir) deste narrador é indissociável da dos livros, mas também da própria viagem que a sua leitura favorece, e a intertextualidade manifesta-se, desta vez, ao nível da alusão explícita e textual que a escrita de *Passaporte* amplifica a cada um dos quatro autores mencionados.

Concluir que a literatura de viagem é, também ela devedora de múltiplas formas de intertextualidade, e que estas configuram uma vertente da experiência do sujeito viajante, emprestando-lhe outras ferramentas para a mediação do real não é seguramente um dado novo. Observar que caminhos pode a intertextualidade revestir e de que forma ela se torna em mecanismo de criação, mais ou menos fecundo e actualizável em cada uma das obras, abre possibilidades infinitas.

Referências

BRUNEL, Pierre. Préface. *Métamorphoses du récit de voyage*. Ed. François Moureau Paris/Genève : Librairie Honoré Champion/Slatkine, p. 5-11, 1986.

CASTRO, Joaquim Magalhães de. **Viagem ao Tecto do Mundo**. O Tibete Desconhecido. Lisboa: Editorial Presença, 2010.

DIDIER, Hugues. **Os Portugueses no Tibete**. Os Primeiros Relatos dos Jesuítas (1624-1635). Coordenação e fixação dos textos da edição portuguesa por Paulo Lopes Matos, Tradução

de Lourdes Júdice. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

GARRETT, Almeida. **Viagens na minha Terra**. Edição organizada, prefaciada e anotada pelo Prof. José Pereira Tavares, 3ª ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1974.

MÓNICA, Maria Filomena. **Passaporte**. Viagens (1994-2008). Lisboa: Alétheia Editores, 2009.

MONTALBETTI, Christine. Entre écriture du monde et réécriture de la bibliothèque : conflits de la référence et de l'intertextualité dans le récit de voyage au XIXe siècle. **Miroirs de textes. Récits de voyage et intertextualité**. S. Chinon Chipon, V. Magri Mourgues et S. Moussa, éd. Publications de la Faculté des lettres, arts et sciences humaines de Nice, p. 1-16, 1998.

MOUREAU, François. Imaginaire vrai. **Métamorphoses du récit de voyage**. Ed. François Moureau Paris/Genève : Librairie Honoré Champion/Slatkine, 1986.

PASQUALI, Adrien. **Le Tour des Horizons, Critique et Récits de Voyage**. Avant-propos de Claude Reichler. Paris: Klincksieck, 1994.

PORTAS, Miguel, AZEVEDO, Camilo. **Périplo**. Coimbra: Almedina, 2009.